

O TRABALHADOR

INFORMATIONS DE LA C.G.T. EN LANGUE PORTUGAISE

Redaction et Administration : 213, rue Lafayette, Paris-10^e - Septembre-Octobre 1965

1895 - 1965

OS SETENTA ANOS DA C.G.T.

Em 23 de Setembro de 1885, em Limoges, nascia a Confederação Geral do Trabalho (C.G.T.). A história oficial é muito discreta sobre as condições de que sofriram, então, os trabalhadores... Restam-nos as corajosas denúncias de tais condições feitas pelos grandes escritores e pioneiros do socialismo : Victor Hugo, Zola, Valles, Lafargue, Jules Guesde, Jaurès... e Karl Marx.

Com as primeiras fábricas, verificaram-se verdadeiros infernos para os trabalhadores : armazéns sem ar e sem luz; jornadas de trabalho de 12 a 15 horas diárias;

crianças de 8 a 10 anos constringidas a um labor extenuante, sem nenhuma segurança no trabalho, sem higiene.

Nada para os doentes, para os acidentados do trabalho, para os desempregados, para os velhos...

Que coragem, que generosidade desses homens que, face à escandalosa potência do poder e do dinheiro que o sustentava, fizeram as bases da organização trabalhadora, que orgulhosamente inscreveram no artigo 1^o dos seus Estatutos :

« A C.G.T. agrupa os trabalhadores decididos a lutar pela supressão do salariado e do patronato ».

70 anos de lutas, de dificuldades, de sucessos, de batalhas para fazer uma frente contra todos os ataques do patronato.

Numerosas vezes, o poder e o patronato têm proclamado ter acabado com a C.G.T.; inúmeras vezes, por outro lado, têm sonhado partilhar os seus despojos...

Mas sempre a C.G.T. tem sabido fazer face e derrotar os assaltantes; e de cada vez que isso tem sucedido, a C.G.T. tem-se encontrado mais possante.

A FEDERAÇÃO SINDICAL MUNDIAL TEM 20 ANOS !

Em Varsóvia, capital da Polónia, abriu em 8 de Outubro o 6^o Congresso da Federação Sindical Mundial, que festeja agora o 20^o aniversário da sua fundação.

Situando-se num período particularmente fértil em acontecimentos internacionais, este Congresso reveste-se de uma importância particularmente excepcional.

Fazendo o balanço da actividade da nossa Central Sindical Internacional nestes 20 anos, o Congresso destacou os sucessos obtidos e acentuou especialmente como o Programa de Acção adoptado quando do 5^o Congresso, em 1961, se revelou justo e conforme com os interesses dos trabalhadores do Mundo, da Liberdade e da Paz.

A incansável acção da F.S.M. pela unidade dos trabalhadores do Mundo e sua solidariedade de classe na luta pelo progresso social, a liberdade e a paz, tem ido e continua a ir a par do seu crescimento e da sua extraordinária influência no Mundo.

Hoje, forte de 120 milhões de aderentes de todos os continentes, ou seja perto de 20 milhões mais que no anterior Congresso, a Federação Sindical Mundial aparece como a única central sindical verdadeiramente universal, democrática, independente e livre !

O 6^o Congresso da F.S.M. tomou importantes decisões que darão a todos os trabalhadores a possibilidade de melhor desenvolver as suas lutas, à escala do Mundo, e realizar as suas aspirações, baseadas na Democracia, na Liberdade, no Progresso Social e na Paz.

O 20^o ANIVERSÁRIO DA « SÉCURITÉ SOCIALE »

A « Sécurité Sociale » tem 20 anos.

Ela foi o fruto da combatividade da classe operária, toda inteira, agrupada na possante C.G.T. Foi Ambroise Croizat, Secretário Geral da Federação C.G.T. de Metais, então Ministro do Trabalho, o seu principal promotor, em 1945.

Mas, depois de 20 anos, a « Sécurité Sociale » não conhece o pleno desenvolvimento que os seus promotores para ela haviam destinado.

O poder gaulista, em particular, depois de 1958, tem-se esforçado por reduzir as conquistas sociais pelas quais a classe operária tanto tem lutado.

Uma série de maus golpes ilustram esse período.

Face a estes ataques, a C.G.T. e suas organizações, com a classe operária, têm resistido, ripostado, organizado a acção unida para fazer fracassar esses maus golpes...

Ante esta resistência, o Poder gaulista tem hesitado, primeiro, e renunciado, depois, temporariamente, à aplicação das

A C.G.T. significa, para os que trabalham : convenções colectivas, classificações na escala profissional, delegados, comités de empresa. Mas significa, também, a conquista de 2, depois 3, a seguir 4 semanas de férias pagas, os dias feriados pagos, a « Sécurité Sociale », a indemnização em caso de doença, de acidente de trabalho, de maternidade...

A C.G.T. é a luta contra o fascismo e pela Liberdade.

A C.G.T. é a batalha pela Paz, é a luta contra o colonialismo, pela independência dos povos, é a solidariedade dos proletários do Mundo.

A C.G.T. é o apelo apaixonante à unidade para fazer avançar e para que vença a força unida de todos os trabalhadores.

70 anos de existência ! 70 anos de existência, e a mesma vontade forte, a mesma juventude, o mesmo entusiasmo que em 1895 ! Mas isto tudo ainda mais enriquecido pelos combates, pelos obstáculos vencidos, pelos sucessos conquistados, ao serviço dos trabalhadores, para que a palavra Felicidade se transforme em amada realidade !

medidas imediatas que se dispunha a aplicar. Mas esta demora, nas intenções governamentais, não deve de forma alguma enganar os trabalhadores sobre o verdadeiro desígnio do governo gaulista.

Condições sempre mais difíceis, cada vez mais difíceis, voluntariamente acumuladas pelo poder gaulista, são directamente ou insidiosamente impostas à « Sécurité Sociale ».

Todos os trabalhadores devem tomar plena consciência desta ameaça e prosseguir a luta, não sómente pela manutenção de todas as vantagens já conquistadas com a « Sécurité Sociale », mas, também, pelo seu melhoramento, para fazer cair todas as discriminações de que são ainda vítimas os trabalhadores emigrados.

A meta desta batalha dependerá em grande parte da unidade da classe operária, toda inteira.

Eis porque, como há 20 anos, a nossa C.G.T. deve tornar-se ainda mais forte, mais poderosa, para poder opôr ao governo gaulista a vontade forte de toda a classe operária !

CONSULTÓRIO JURÍDICO-SOCIAL

Indemnização por causa de mau tempo

A indemnização do não trabalho por causa do mau tempo (Intempérie) aos trabalhadores da Construção e dos Trabalhos Públicos é devida à lei de 21 de Outubro de 1946 (lei dita de « Croizat », que foi Ministro de Trabalho, deputado comunista e militante da Federação de Metais C.G.T.) e a textos legais aparecidos depois.

CAMPO DE APLICAÇÃO

A excepção de diversas actividades, nas quais os trabalhos se efectuam geralmente no interior, todas as actividades da Construção e dos Trabalhos Públicos são incluídos no campo da aplicação profissional.

DEFINIÇÃO DE MAU TEMPO

É considerado como mau tempo, todas as condições atmosféricas, tais como : gelo, grandes calores, chuva, ventania e inundações dos lugares de trabalho, desde que essas anormalidades atmosféricas tornem efectivamente perigoso ou impossível o cumprimento do trabalho, seja em relação à saúde, seja em relação à segurança dos operários, ou seja ainda em relação à natureza ou à técnica do trabalho a realizar.

Nas regiões onde as condições climáticas sejam tais que obriguem a uma paragem periódica de trabalho (região de altas montanhas), essas paragens são decididas sob aviso das organizações sindicais.

CONDIÇÕES INDISPENSÁVEIS PARA TER DIREITO A INDEMNIZAÇÃO

Em regra geral, é necessário ter trabalhado 200 horas, em uma ou em mais empresas de Construção ou de Trabalhos Públicos, durante os dois meses que antecedem o momento da paragem de trabalho por mau tempo.

PARAGEM E RETOMADA DO TRABALHO

A paragem do trabalho é decidida pelo empregador ou seu representante depois de terem sido consultados os delegados dos operários.

A retomada do trabalho é decidida pelo empregador ou pelo seu representante no local da construção; esta decisão deve ser levada ao conhecimento dos trabalhadores pelos meios mais apropriados.

Os textos não prevêm que os trabalhadores tenham a obrigação de passar todos os dias pelo lugar do trabalho.

COMEÇO E DURAÇÃO DO PAGAMENTO

A indemnização é devida por cada hora perdida, a partir da quinta hora de uma mesma semana.

Todavia, logo que a jornada, que se segue a uma paragem de trabalho na

véspera, mesmo que ela tenha sido apenas de uma hora, seja totalmente de descanso por mau tempo, ela é indemnizada desde a primeira hora.

O limite máximo de dias indemnizáveis é de 48, durante o ano.

CÁLCULO DA INDEMNIZAÇÃO

As horas perdidas são indemnizadas no dobro limite dos três quartos de salário (da véspera da interrupção) e de oito horas por dia.

No entanto, o salário tomado como base de cálculo para a indemnização não pode ultrapassar o montante em vigor pelo cálculo das cotizações da « Sécurité Sociale », aumentadas de 20 %.

Em regra geral, é portanto tomado como base de cálculo o salário horário real recebido, levando em conta as « primas » de rendimento, de trabalhos à taxa.

PAGAMENTO DA INDEMNIZAÇÃO

A indemnização é paga ao trabalhador pelo patrão, nas mesmas condições do pagamento do trabalho, a qual lhe é reembolsada pela caixa criada para este efeito. Ela não está sujeita ao desconto para a « Sécurité Sociale ».

Os pequenos patrões devem entregar, também, a indemnização.

SITUAÇÃO DURANTE A PARAGEM POR MAU TEMPO

Os trabalhadores são obrigados a estar à disposição do patrão. Se o patrão, durante a paragem do trabalho no « chantier », por mau tempo, ocupa o trabalhador num outro trabalho, ele deve, pelo menos, assegurar-lhe o mesmo salário que o operário recebia antes da paragem.

PARAGEM POR MAU TEMPO E « SECURITE SOCIALE »

Os períodos de paragem de trabalho por mau tempo não prejudicam de maneira nenhuma os direitos dos trabalhadores referentes à « Sécurité Sociale ».

DESPEDIMENTOS

O patrão não pode despedir qualquer trabalhador durante o período de paragem por mau tempo.

RECUPERAÇÃO

Em princípio, os textos em vigor permitem aos patrões a faculdade de recuperar as horas perdidas, abaixo das 40 horas. Mas, em todos os casos, as organizações sindicais, os delegados, e os trabalhadores devem exigir dos patrões o aumento previsto para as horas suplementares.

Permanências da C.G.T. para portugueses

NO SENA :

SINDICATO RENAULT-BILLANCOURT. — 82, rue Yves-Kermen. Todas as Quartas-feiras, das 18 às 19 horas.

SAINT-DENIS. — Na Bolsa do Trabalho, 4, rue Suger, todos as Terças e Sextas-Feiras, das 17 às 19 horas.

AUBERVILLIERS. — Na União Local da C.G.T., 13, rue Pasteur, todos os sábados, das 18 às 19 horas.

VILLEJUIF. — Na União Local da C.G.T., no 1º sábado de cada mês, das 20 às 22 horas.

CHAMPIGNY-SUR-MARNE. — Na Bolsa do Trabalho, 95, rue de Verdun. Todos os Domingos, das 10 às 12 horas.

SAINT-OUEN. — Na Casa dos Sindicatos. Todas as Segundas-Feiras, das 19 às 20 horas.

BOLSA DO TRABALHO-C.G.T., 3, rue Château-d'Eau (Bâtiment). Todas as terças-feiras, das 18 às 19 horas.

NO SENA E MARNE :

MELUN. — Na Bolsa do Trabalho, quai H.-Rossignol. Todos os Domingos, das 10 às 12 horas.

NO SENA E OISE :

JUVISY-SUR-ORGE. — Na U.L. C.G.T., 10, rue Châtillon, todas as Segundas, Terças e Quintas-Feiras, das 18 às 20 horas.

NO ISERE :

GRENOBLE. — Na Bolsa do Trabalho, 2, rue Berthe-de-Boissieux. Todas as quartas-feiras, das 18,30 às 19,30 horas.

Estágio da C.G.T.

Com o fim de instruir trabalhadores sindicalizados nos problemas sociais e sindicais, a C.G.T. levou a efeito, de 10 a 18 de Outubro, mais um estágio para aperfeiçoamento de operários, no qual estiveram presentes trabalhadores emigrados, entre eles portugueses.

No próximo número faremos referência mais completa sobre o estágio-escola sindicalista citado.

PARA QUE TODOS SAIBAM

Há actualmente em França cerca de dois milhões e meio de trabalhadores emigrados. Para a C.G.T., eles são proletários como todos os outros. Nenhum deles fica fora da sua acção, para defesa dos interesses dos operários.

Sempre cada vez melhor, damos e daremos à defesa dos seus interesses e direitos uma atenção tanto maior quanto eles são, duma maneira geral, ainda mais explorados que os outros.

Benoît FRACHON,
Secretário Geral da C.G.T.

A GREVE DE 24 DE JUNHO

No passado dia 24 de Junho, conforme fora anunciado, e Federação da Construção e das Obras Públicas C.G.T. lançou um apelo à greve na parte da tarde desse mesmo dia, para a Região Parisiense.

Dezenas de milhares foram os trabalhadores que responderam a esse apelo, incluindo milhares de portugueses que, mais uma vez, provaram a existência do seu espírito de classe, dizendo, dessa maneira, aos seus camaradas franceses e outros que podem contar com eles nas suas duras mas justas lutas contra o patronato.

Segundo nos informam de JUVISY, os operários portugueses dessa região, que vêm correspondendo aos esforços da sua União Local C.G.T., mais uma vez estiveram presentes nestas lutas. Assim, na « Entreprise Alfortienn » em BRETIGNY, greve a 100 %, com cerca de 30 portugueses; na « Entreprise MOUREAU », em DRAVEIL, 150 portugueses foram para a greve, o que corresponde ao total dos trabalhadores nessa firma; na « Entreprise FRANCIS BOUYGUES », em DRAVEIL, greve de 100 %, com a participação de 150 portugueses; na « S.G.T.E. DROUARD », em JUVISY, greve a 90 %, com alguns portugueses; na « Entreprise MERCIER-PINCEMAILLE », em ARPAJON, cerca de 200 trabalhadores portugueses fizeram greve durante algumas horas; na « Entreprise CANTONI », em VIRY-CHATILLON, fez-se greve, mas até agora não sabemos em que percentagem isso sucedeu; na « Entreprise LINVILLE », de ST-MICHEL-SUR-ORGE, a 90 %, com a participação de cerca de 100 portugueses; na « M.S.E. », em JUVISY, todo o pessoal trabalhador (60 portugueses) durante 1 hora, etc.

Depois, nesse mesmo dia, às 14,30 horas, ao apelo lançado pela U.L. C.G.T. dos Trabalhadores do « Bâtiment et des Travaux Publics » da região de JUVISY, houve um grande « meeting » no qual participaram cerca de 250 operários, dos quais, a maior parte, cerca de 200, eram portugueses.

Dirigindo-se aos presentes, o camarada Raoul Rodriguez, secretário da União Departamental CGT, expôs as razões deste apelo Federativo e a necessidade de se continuar cada vez mais unidos nesta dura batalha contra o inimigo comum dos trabalhadores (o patronato), tendo feito um breve relato sobre o crescente de dificuldades na vida social e económica francesa.

A seguir disse, em especial para os portugueses, que o patronato, apoiado pelo actual governo, viola as leis e os acordos franco-português no que diz respeito a condições de trabalho e direitos sociais. Acrescentou, ainda, que as leis são papéis assinados e que, para as fazer respeitar, é necessária a força unida dos trabalhadores, em geral.

A sua intervenção foi, no final, traduzida para português, por um operário presente. Este mesmo trabalhador português disse, no fim, entre outras afirmações: « — as causas da vinda de tanta mão-de-

obra emigrada portuguesa é a desgraçada situação económica que se verifica em Portugal; e que o desconhecimento do que é o sindicalismo, por parte de quase todos os operários portugueses que chegam, deve-se à perseguição e à destruição dos sindicatos nesse país, e que os chamados « sindicatos nacionais » são caricaturas de sindicatos. Explicou, então, que é e em que medida a C.G.T. serve a defesa dos interesses de todos os trabalhadores em França; quer sejam franceses ou emigrados, para a C.G.T. o que conta é que sejam trabalhadores. Fez um breve relato das últimas lutas reivindicativas em Portugal onde, apesar da feroz repressão dos policiais-salazaristas, os trabalhadores lutam corajosamente contra os salários de fome e de miséria. Uma vez em França, é dever nosso ajudar os nossos irmãos de classe que é, ao mesmo tempo, ajudar toda a classe trabalhadora na defesa dos interesses, que são comuns a todos que trabalham. Para isso, é cada vez mais necessário uma forte unidade dos trabalhadores, perante um patronato unido e disposto a tudo fazer para não ceder à luta dos trabalhadores, pela melhoria de salários e de condições de vida e de trabalho, etc. »

Disse, ainda, da necessidade que cada um tem de estar sindicalizado na C.G.T., que é a maior organização sindical da França, aquela que verdadeira e dedicada-

mente defende os interesses de todos os trabalhadores. Ao terminar, lembrou a grande e sempre actual máxima de Marx: « PROLETARIOS DE TODOS OS PAISES: UNI-VOS ».

Este « meeting » terminou com a aprovação, por unanimidade, da seguinte « Resolução » enviada à « Chambre patronale »:

Os trabalhadores do « Bâtiment et des Travaux Publics » reunidos ao apelo dos Sindicatos C.G.T. da Região de JUVISY, adoptam o seguinte « PROGRAMA REIVINDICATIVO »:

- 1º **Fixação de novos salários mínimos garantidos correspondendo aos salários realmente praticados;**
- 2º **Criação de uma « Mutuelle » com a participação patronal.**
- 3º **Revalorização das indemnizações de pequenas deslocações e de « panier »;**
- 4º **Igualdade de direitos para os trabalhadores emigrados;**
- 5º **Respeito pelo Decreto de 8 de Janeiro de 1965 concernante ao alojamento dos operários alojados pelo seu patrão.**

Houve cerca de 30 adesões de trabalhadores portugueses à C.G.T.

Escolas em Juvisy

Comunica-nos a União Local dos Sindicatos C.G.T. de Juvisy (S. e O.) que está em preparação a abertura de aulas de francês, destinadas a trabalhadores portugueses.

Igualmente nos comunicam que vão ser criadas aulas de alfabetização destinadas a trabalhadores portugueses dessa mesma região.

Pede-se a todos os trabalhadores portugueses que estejam interessados na frequência destas aulas para fazer, desde já, a sua inscrição, pois que é só a partir dessas inscrições que se poderá concretizar mais rapidamente este melhoramento que, aliás, é de todo o interesse para os operários portugueses.

Para se inscreverem nestes cursos (francês e português), basta que escrevam, indicando a aula que pretendem frequentar, os dias e horas que melhor podem convir, para:

U.L. C.G.T., 10, rue de Châtillon, JUVISY (S. e O.).

E' necessário que cada um que escreva indique também o seu nome e endereço, para poderem ser convocados para frequência dessas aulas, logo que as mesmas comecem.

Uma Saudação da F.S.M.

Acerca das manifestações verificadas em Portugal, na jornada do 1º de Maio, a Federação Sindical Mundial endereçou ao Povo Português uma saudação, de que reproduzimos a seguinte passagem:

« A Federação Sindical Mundial sauda calorosamente os trabalhadores, os estudantes e todos os democratas portugueses que lutam pelas suas reivindicações, pelos seus direitos sindicais e democráticos, contra a ditadura, por uma vida melhor. Ela chama-os a manter e a alargar a unidade na luta, que é a melhor garantia da vitória.

A F.S.M., em nome dos seus 120 milhões de filiados, assegura uma vez mais aos trabalhadores e ao povo português o seu mais firme apoio e a solidariedade actuante dos sindicatos e dos trabalhadores do mundo que estão e sempre estarão ao lado da sua nobre e justa luta. »

OFERTAS AO JORNAL

Recebemos, de Um trabalhador português, para « O Trabalhador », F. 10,00.

Natal no exílio

A doce recordação dos lugares conhecidos, dos sonhos argamassados no sol da funda saudade, vem, ao de leve, de leve, segredar ao coração :

— Aproxima-se o Natal!

E o Natal vem vindo, vem com largos pés de veludo aproximar-se da porta da nossa recordação : — amigos que são lembrados na viva, doce saudade, com a semente da dor que ficou na nossa terra presa à simples pincelada do muro da nossa ausência. Vozes fortes, em segredo, através do coração, murmuram-nos docemente :

— Aproxima-se o Natal!

E a rosa da chaga aberta pela presença da ausência, rasga o rumo da aparência de que nos fazemos fortes. E o sal das lágrimas abre pequenos rumos acesos nas duas margens das rugas que atravessam a memória.

— E, na verdade, o Natal que nos pincela de exílio.

Mais que em nós, pensamos noutros que são sóis dentro das grades. Coração com coração, o calor arde nos peitos dos que sentem a bandeira sempre erguida em sua mente

— embora dentro do cerco de repressão e baionetas que atormenta a sensação de paz, de fraternidade, que Natal, só por si tem.

O exílio abraça a saudade e faz crescer o desejo d' voltar a ver os campos, de tornar a ver o mar onde fomos, de que somos parte válida, inalienável, que força alguma consegue romper a força que existe entre nós e a nossa terra!

E' mais um Natal no exílio onde a lembrança e a saudade tornam a brasa mais viva pelo amor aos prisioneiros que lutam pela Liberdade!

23-11-64.

Telegrama da Juventude C.G.T.

Desembargador Correia Barreto-Plenário Criminal Auxiliar-Lisboa. Portugal.

Comissão Nacional Juventude C.G.T., em nome jovens trabalhadores de França, protesta julgamento e torturas infligidas jovens estudantes. Exige a cessação do processo e libertação imediata.

Comissão Nacional Juventude C.G.T. (Enviado em 19 Julho 1965 pela Comissão confederal da juventude C.G.T.)

PROBLEMAS DE PORTUGAL

O SINDICATO É UMA ESCOLA DE COMPANHEIRISMO E DE SOLIDARIEDADE

Abundância...

Os jornais da especialidade, depois outros jornais transcrevendo desses, informaram a população portuguesa (e, consequentemente, todo o mundo, como diria o nosso amigo brasileiro...) da « abundância » existente em Portugal. Mas esta abundância, entre outras abundâncias de igual jaez, naquele « paraíso salazarista », é das que ilustram bem quanto está florescente a economia de Portugal, a braços com uma criminoso guerra colonial estendida às diversas « províncias ultramarinas... » da Guiné, Angola e Moçambique, ao mesmo tempo que com a ganância dos grandes « tubarões » da economia portuguesa atarrachados às duzentas famílias que possuem as riquezas desse país. Essa abundância verificada oficialmente é a de... letras protestadas! Atentem bem no lindo quadro :

« Em 1964 foram protestadas em Portugal 62.221 letras nos valor de 379.498 contos! Entre as letras protestadas figuram uma de 1.500 contos, de Lisboa, e outra de 2.500 contos, do Porto. »

E digam, depois, que é mentira que o governo fascista de Salazar não tornou o país rico! Pelos menos, em matéria de letras protestadas, é uma verdade que até oficialmente não deixam de confirmar os jornais portugueses, todos eles, forçados ou voluntários, ao serviço do governo e sob as patórras da censura oficial-policial.

Mais mortos na guerra

São dos jornais portugueses, os nomes que a seguir damos, de jovens assassinados nas guerras que os monopólios portugueses e estrangeiros, na ajuda que dão ao governo do velho e feroz ditador salarista, levam a efeito aos povos da Guiné, de Angola e de Moçambique : Morreram em combate os soldados : 3091/63 C, Acácio Martins Cruz; 3092/63 C, José Maria Silva Soares e 3095/63 C, Joaquim Jesus Ferreira Matos; e na Guiné, também em combate, o furriel-miliciano João Fernando Machado da Silva.

Em Angola, por « acidente de viação », o alferes-miliciano médico Dr. João Augusto Carmo Cabral Andrade.

LIBERTEMOS SOFIA FERREIRA

Uma grande mulher e democrata. Muitos anos de prisão, aonde é mantida, não obstante ter cumprido já a pena a que fora condenada. Encontra-se doente, com gravidade. E' preciso que seja libertada!

Exigi a sua imediata libertação a : LISBOA :

— Presidente Américo Thomaz.
— Dr Oliveira Salazar.
— Ministro da Justiça.
— Ministro do Interior.

PARIS :

— Embaixador de Portugal, rue Noisiel, Paris-16°.

OS TRABALHADORES É A UNIDADE ANTI-FASCISTA

Agora como sempre a classe operária e os trabalhadores no seu conjunto têm necessidade de lutar por interesses e reivindicações próprias. Mas a luta dos trabalhadores por melhores condições de vida, melhores condições de trabalho e mais cultura tem conteúdo democrático e é a mais forte alavanca do progresso do país. Um país onde não for reconhecido aos trabalhadores o direito de greve e a liberdade sindical e política não será um país democrático e livre.

Tendo reivindicações próprias a defender e a conquistar, os trabalhadores portugueses já compreenderam há muito que devem lutar pela liberdade e pela democracia, unidos com todos os outros democratas que também querem que Portugal seja um país livre e progressivo; já compreenderam que a UNIDADE de todos os anti-fascistas é necessária e corresponde aos interesses de todos os que não querem o fascismo. Por isso os trabalhadores nunca se recusaram a realizar acções de UNIDADE que nos possam aproximar do dia em que o fascismo será derrotado. Por isso, apoiaram decididamente a candidatura à presidência da República do general H. Delgado, em 1958, a de Nortom de Matos, em 1949, e participam em todos as acções unitárias que se realizam.

O que os trabalhadores não compreenderiam e veriam com desgosto e desaprovção seria a falta de unidade da Oposição, o não aproveitamento de todas as possibilidades que se deparam para reforçar a UNIDADE. Os trabalhadores saudam todos os esforços tendentes a unir e reprovam e condenam tudo o que possa prejudicar a UNIDADE dos anti-fascistas. Mais : os trabalhadores poriam em dúvida a clarividência política dos que, querendo derrubar o fascismo e estabelecer a democracia em Portugal, recusassem ou temessem unir-se com os trabalhadores na luta pelo derrubamento da ditadura salazarista.

Para todos nós é cada vez mais evidente que sem unidade não é possível libertar o país do domínio fascista e que, não aceitando a unidade com os trabalhadores e sem discriminações, não pode haver verdadeira UNIDADE. E' preciso que todos tenhamos consciência de que a UNIDADE não serve e não pode servir apenas os interesses destes ou daqueles. A unidade serve e servirá os interesses de todos os que querem realmente a liberdade e a democracia. Só os fascistas têm razões para serem contrários à unidade.

Nós todos, os que constituimos a Oposição, temos cerca de 40 anos de experiência que nos demonstra que sem unidade nada poderemos fazer. Não compreender isto, cair no logro, muitas vezes soprado, directa e indirectamente pelo inimigo, de

não querer a unidade, apenas servirá os interesses do fascismo.

Os trabalhadores não pedem aos outros democratas que se unam para vir em seu socorro; sabem inclusive que entre os democratas estão muitos dos seus patrões contra os quais têm de lutar para conseguir a satisfação das suas reivindicações. Quando pedem e aceitam a unidade com todos os democratas e anti-fascistas é para realizar interesses de todos, ou seja para conquistarmos a liberdade e a democracia que permitirá o desenvolvimento geral do país em que todos estamos objectivamente interessados. Quem for realista já terá compreendido isto.

Neste momento em que se vai entrar numa das chamadas « campanhas eleitorais » em que o fascismo é obrigado a permitir algumas possibilidades de esclarecimento seria mau, seria errado que a Oposição não actuasse unida, apoiando as mesmas listas, atacando o fascismo na mesma direcção. Nenhuma razão objectiva existe para que a Unidade de todos os democratas e antifascistas não se realize e não se fortaleça. Todos unidos, pois, para o melhor aproveitamento possível da chamada « campanha eleitoral ». Ombro com ombro pelo reforçamento da Unidade. UNIDOS na luta pela conquista da liberdade. UNIDOS pela conquista da democracia. Unidos na luta contra as guerras coloniais e pela liberdade e independência dos povos das colónias portuguesas. UNIDOS para libertar Portugal do domínio da ditadura salazarista.

Gala Franco-Português

Em 10 de Outubro, o Socorro Popular Francês levou a efeito mais um « Gala », com o fim de solidariedade para com o povo português. Esse espectáculo teve lugar na Sala Lacazette, da Casa dos Sindicatos Metalúrgicos, em Paris. Neste Gala, participaram artistas portugueses e franceses, entre os quais o jovem cantor-compositor Luis Cília, os cantores Gina Maria e Germano Rocha, todos eles entusiasticamente aplaudidos, a declamadora Marília Gonçalves, Jean-Louis Le Craevens, « Les Marlee », conjunto de seis jovens franceses, rapazes e raparigas, Renias, um grande excêntrico ciclista, Patricia Dawson, etc. A apresentação deste belo espectáculo foi feita pelo artista francês Jacques Lantier e pelo português Antonio Rodrigues. Assistiram a esta festa luso-francesa muitas centenas de pessoas.

O 5 de Outubro em Paris

O Comité para a Defesa das Liberdades em Portugal levou a efeito, em 3 de Outubro, na Casa dos Sindicatos, em Paris, uma sessão comemorativa da histórica data da implantação da República em Portugal.

Na mesa da presidência desta sessão sentaram-se uma dezena de democratas portugueses exilados, assim como representantes da U.D. C.G.T., da Associação Internacional dos Juristas Democratas e outras personalidades. A maior parte dos membros da presidência era composta por elementos do C.D.L.P.

Vários oradores usaram da palavra para afirmarem a sua fé na Democracia, na Libertação de Portugal do jugo do fascismo-salazarismo, exaltando a unidade das forças anti-fascistas, pois que sómente numa larga unidade das forças que lutam contra o salazarismo é que poderá levar-se a bom termo esta luta, com a derrota do fascismo e de seus sequazes.

Me. Solange Ajan-Bouvier falou, em nome dos Juristas Democratas, tendo palavras de amizade e de solidariedade e de admiração pela luta travada há longos anos

Liberdade para José Rodrigues Vitoriano

Este dirigente sindicalista e operário corticeiro, que já cumpriu a pena a que foi condenado pelos tribunais fascistas e, não obstante estar gravemente enfermo, continua preso, sujeito às criminosas « medidas de segurança », passou já 14 anos da sua vida nas masmorras policiais-salazaristas.

Torna-se cada vez mais urgente a intensificação da campanha, à base internacional, pela sua libertação, para que se possa ainda salvar essa vida, preciosa para a causa do operariado, perigosamente ameaçada pela doença na sinistra fortaleza de Peniche.

E' urgente que cada português, qualquer que seja o lugar onde viva, participe nesta humaníssima campanha. Exigi a libertação de José Rodrigues Vitoriano, qualquer que seja o meio por que possam fazê-lo, a :

— Presidente da República - Lisboa (Portugal).
— Ministro da Justiça - Lisboa (Portugal).
— Ministro do Interior - Lisboa (Portugal).
— Presidência do Conselho - Lisboa (Portugal).
— Embaixada de Portugal - Rue Noisiel - Paris (16°).

pelo povo português contra a opressão fascista, luta essa que terá de sair vitoriosa.

Assistiram a esta sessão várias centenas de portugueses, em especial de trabalhadores emigrados em França.

Durante a mesma, foram lidas e postas à votação, sendo aprovadas por unanimidade e aplauso, várias moções a enviar ao Presidente da República de Portugal, à Comissão de Amnistia em Portugal, à O.N.U. e a várias outras organizações internacionais.

No final desta sessão, que decorreu com enorme entusiasmo e sempre dentro dum total espírito de compreensão e de unidade, foi cantada em coro, por toda a assistência, « A Portuguesa ».

A liberdade de imprensa

Segundo o Papa Paulo VI

O Papa Paulo VI apelou para que a liberdade de opinião e imprensa seja uma realidade, em toda a parte.

« — Estas liberdades não deveriam continuar a ser letra morta, como ainda sucede em certas constituições » — disse Paulo VI aos delegados num Congresso de Imprensa periódica, que recebeu em audiência especial. O Papa disse, ainda, que as informações não deviam descer ao grau da propaganda.

« — Não deveria haver apelo às paixões menos nobres dos homens nem campanha sistemática para empurrar grupos de leitores contra outros grupos de concidadãos ou estrangeiros » — acrescentou, igualmente, o Papa.

E se lermos estas afirmações, e meditarmos um pouco honestamente nelas, teremos de perguntar a esses « católicos-romanos » portugueses que escravizam o seu povo, através das envenenadoras e dominantes armas que são a imprensa, a rádio e a televisão, totalmente sob o domínio da CENSURA que desde há quase quarenta anos asfixia o povo desse país : — Para que se dizem, então, católicos-romanos e outras « coisas piedosas » se, na realidade, estão contra, no que fazem, a orientação defendida pelo mais alto magistrado dessa mesma igreja, a que dizem pertencer?

Como já estamos habituados a tantas anomalias e violências da parte dos usurpadores do poder nesse país ibérico, não nos surpreende que eles continuem a fazer de « surdos e ignorantes » a estas declarações vindas de Paulo VI, como a tantas outras à feitas... e a fazer, naturalmente...

Para quê manter uma máscara que em nada os dignifica aos olhos do mundo?

Lutas de trabalhadores portugueses

Na « Empresa Mercier-Pincemaille » de Arpajon (S. e O.), em Junho passado, o pessoal operário arrancou à direcção desta sociedade a seguinte reivindicação : — 0,15 e 0,20 F de aumento por hora.

Mas o pessoal não se deu por satisfeito, sobretudo depois que nessa empresa se promoveu a criação de um sindicato C.G.T.

Esta empresa ocupa cerca de 200 trabalhadores portugueses, dos quais 100 deram já a sua adesão à C.G.T. Desta forma, estes operários portugueses estão dando uma boa prova aos futuros eleitos delegados da C.G.T. nesta empresa, demonstrando que são merecedores de toda a confiança que neles depositarem os representantes desta grande sindical francesa, que é a C.G.T.

Os trabalhadores da construção da Empresa PREBA, em Villeneuve-le-Roi, depois duma série de acções levadas a cabo dentro duma completa unidade, conseguiram arrancar à direcção desta empresa a satisfação das suas exigências, pelo que lhes foi concedido :

- 0,15 F de aumento por hora;
- a criação duma « mutuelle » com a participação patronal;
- a construção de uma cantina, com a participação patronal.

E' justo destacar que 89 % do pessoal desta empresa é emigrado, e, deste, a maior parte é constituído por operários portugueses.

Também na Empresa G.E.E.P., em Morsang-sur-Orge (S. e O.) onde estão em construção escolas, o pessoal operário, depois duma jornada de greve, num completo espirito de unidade, obrigou o patrão a ceder ás suas reivindicações, pelo que conquistaram :

- um aumento de 0,30 F por hora;

U.L. C.G.T. de Juvisy

Da U.L. C.G.T. de Juvisy pedem-nos para comunicarmos aos nossos amigos portugueses dessa região que, por qualquer motivo, não tenham em dia a sua cotisação, que podem fazê-lo todas as Segundas, Terças e Quintas-Feiras, das 18 às 20 horas, na sede desta União Local C.G.T., 10, rue de Chatillon, Juvisy (S.-et-O.) onde estará à sua disposição um companheiro português para os atender.

Se, por impossibilidade de deslocação, não puderem lá ir, recomenda-se que escrevam para esta U. L., informando em que lugar se encontram a trabalhar ou a viver, de forma a que possa deslocar-se lá onde se encontrem uma pessoa para esse efeito.

AMIGO ! A C.G.T. VIVE APENAS DA COTIZAÇÃO DOS TRABALHADORES SEUS ADERENTES. AJUDA-A, MANTENDO EM DIA A TUA COTIZAÇÃO, SE QUI-SERES SER AJUDADO POR ELA.

- um lugar para recolha de bicicletas e mobilotas;
- uma hora para deslocação;
- um refeitório e um vestiário;
- um prémio de 50,00 F no fim de cada mês e para todos os trabalhadores.

Destaquemos o seguinte pormenor : 60 % do pessoal desta empresa é composto de operários portugueses. Como se verifica, vai sendo agradável de constatar que, não obstante virem dum país onde não há liberdade, nem a liberdade sindical, os operários portugueses, uma vez trabalhando em contacto com os seus companheiros franceses, depressa se dão conta que em França todo o operário tem direito a fazer greve por melhor salário e por melhores condições de vida. E que, quando estão unidos com os outros operários, não só nada têm a recear de irem parar à cadeia (como vão os que fazem greve em Portugal) como quase sempre conseguem que os patrões atendam as suas justas reivindicações. Estes exemplos, e muitos outros, que têm estado a dar os trabalhadores portugueses em França, é um bom sintoma : — de que é fácil para os operários portugueses se darem conta do espirito de classe e de serem sempre solidários com os seus irmãos de trabalho e de luta.

A C.G.T. em Nanterre

Os operários que trabalhavam na Empresa Gallieni, de Nanterre, e usufruíam certas regalias, como a de instalação de televisão, cantina, alojamento, etc. viram-se, no passado mês, privados de todas elas. A razão que o patrão invocou foi a dificuldades económicas. Os operários que trabalhavam nessa empresa eram, na maior parte emigrados. E por ordem da direcção, foram retirados esses benefícios, menos « aos portugueses », que eram bons operários, ordeiros e disciplinados, etc. Essa situação de favor em que o patrão punha os trabalhadores portugueses era, à vista de todos os camaradas, um favoritismo que não os prestigiava.

Um camarada sindicalista português, chegado ao local da reunião dos operários dessa empresa, convocada para estudar a situação e o caminho a seguir para obrigar o patrão a tornar a dar as regalias a que os trabalhadores já tinham direito, falou, explicou aos seus compatriotas que « esse jogo » de favor do patrão era como que uma traição que o patrão queria fazer-lhes, aos olhos da classe operária e dos seus companheiros de trabalho. Unânimes, os trabalhadores portugueses afirmaram que estavam inteiramente solidários com os seus outros companheiro e que com eles lutariam para que a todos voltasse a ser dado o que o patrão queria roubar-lhes. Depois de uma nova reunião, na qual os operários, unânimes, lutaram unidos e reivindicaram as regalias que queriam usurpar-lhes, o patrão teve de ceder, em face da

REIVINDICAÇÕES OPERÁRIAS

Na defesa constante dos direitos de todos os trabalhadores que exercem a sua actividade em solo francês, a C.G.T. tem lutado, e continua lutando, para que aos operários emigrados seja dado :

- Igualdade de direitos em matéria de salário real;
- Igualdade de direitos em matéria de prestações familiares e vantagens da « Sécurité Sociale » (Seguro Social);
- Igualdade em matéria de direitos sindicais, em particular para os delegados de pessoal e dos Comitês de Empresa;
- Melhores condições de vida e de alojamento.

Compete aos trabalhadores emigrados colaborar com o seu sindicato C.G.T., em estreita unidade com os outros trabalhadores, para que estas e outras reivindicações da classe operária da França sejam atendidas.

unidade que demonstraram durante essa batalha, todos esses trabalhadores, entre os quais os quinze portugueses, dignos, como os seus companheiros, da admiração dos que trabalham.

E' justo destacar o papel preponderante que a U. L. da C.G.T. de Nanterre desempenhou neste grave problema, através dos seus responsáveis. Como corolário desta bela vitória operária, os quinze trabalhadores portugueses deram a sua adesão à C.G.T.

Consulado de Portugal

O Consulado de Portugal em Paris transferiu os seus serviços, há tempo, para a Rue Eduard-Fournier, nº 10, em Paris-16º, metro « Pompe », onde todos os portugueses que necessitarem de assuntos referentes a essa repartição deverão dirigir-se.

Escola de Francês em St-Denis

Em St-Denis começaram as aulas de francês para trabalhadores portugueses, na Bolsa do Trabalho, 4, rue Suger, que funcionam, como habitualmente, às Terças e Sextas-Feiras, das 20 às 22 horas.

TRAFICANTES DE PORTUGUESES

São inúmeros os métodos utilizados pelos traficantes de portugueses, que os fazem vir para França, através de mil e uma artimanhas, cada qual das mais ousadas e desconcertantes.

Têm-se dado conta de descobertas de chegadas desses emigrantes clandestinos, entregues a verdadeiros bandos de traficantes, que os exploram de avultadas quantias, chegando por vezes até 19.000 \$ 00 por cada corpo com dois braços e muitos sonhos duma vida melhor, menos aflitiva económica e politicamente que a que o governo salazarista dá aos portugueses, na sua própria terra.

Assim, descobertas de vindas de trabalhadores portugueses clandestinos têm sido feitas em camiões frigoríficos, em camiões de gado, em vagões de caminho de ferro de transporte de bestas, em automóveis, táxis, frágeis barcos, e até mesmo a pé!

Esses famigerados passadores e traficantes, pessoas sem escrúpulos, além de sugarem o dinheiro aos pobres aventureiros por necessidade, muitas vezes abandonam as suas vítimas depois de roubadas até ao último escudo, deixando-as à mercê do pior.

A ganância desses ladrões, que « descobriram » um filão de fácil e avultado rendimento, têm-os levado a imaginar estratégias de toda a espécie.

Em Julho passado, a polícia francesa descobriu um bando de ladrões de portugueses. Esse bando fabricava passaportes, os quais eram depois vendidos a 1.000 francos (novos!) cada um. E tudo isso se passou durante largo tempo, nas bochechas das autoridades policiais, através duma pseudo associação « França-Portugal », que se dava ao luxo, até, de fazer circulares, prospectos, numa larga e lucrativa propaganda, com a mais inocente aparência de legalidade. Se até, sob o fundo das cores da bandeira francesa, tinham impresso o escudo de Portugal, com a esfera armilar, as quinas e os sete castelos! Fantástico, meus senhores!

A polícia deitou mão aos falsificadores-ladrões de portugueses. Fazamos votos para que não estejam em actividade outras e tantas mais organizações de exploradores, que, tendo, descoberto esse filão que é o da vinda de trabalhadores clandestinos portugueses para França, tanto o têm explorado, sabe-se lá se com a conivência, directa ou indirecta, de tantos e tantos senhores ligados de qualquer maneira à exploração da miséria do povo português em Portugal. E, em última análise, ligados à rede de exploradores franceses, como aquele do vagão de caminho de ferro, onde foram descobertos semi-moribundos e barbudos, cerca de sete dezenas de emigrantes portugueses, cada um dos quais era « vendido » a industriais franceses à 100 francos (novos) por cabeça... em proveito desse negregado negociante de bestas, cujo « negócio » com homens lhe pareceu (e era!) mais rendoso e menos trabalhoso.

UM PATRÃO COMO TODOS OS PATRÕES

Empreiteiro do « Bâtiment » e Obras Públicas em Boissy-sous-Saint-Yon (Senae-Oise), o patrão recruta mão-de-obra portuguesa. Decididamente, está « em moda » os senhores empreiteiros fazer apelo à mão-de-obra do país de Salazar.

E' que esta mão-de-obra é de um grande rendimento para os seus beneficiários. Com efeito, em Portugal, « país livre do mundo ocidental », a miséria é atroz, sob o regime de terror do fascismo. E não é de espantar que estes operários, logo que arribam a França, não saibam que existem direitos, conquistados pela luta da classe operária deste país, e dos quais os trabalhadores emigrados justamente beneficiam por lei. Como durante os primeiros tempos da chegada a França esses trabalhadores lusos não sabem da existência desses direitos, sindicais e sociais, os patrões, que não ignoram que esses operários ignoram isso, como por

exemplo esse patrão, tiram o máximo de proveito dessa ignorância. E' tamanha a audácia e a ganância de certos patrões, que vão mesmo até à falsificação dos boletins de pagamento e dos certificados de trabalho!

Com efeito, porquê incómodos ou temores com estas « bagatelas », se esses pobres operários portugueses nem sequer sabem ler o francês?

Mas, o que é aborrecido para os patrões, como essen o senhor r que esses trabalhadores portugueses que recruta não ficam resignados por muito tempo.

E, em contacto estreito, mercê do trabalho em conjunto, com os operários franceses, dão-se conta dessa exploração patrcnal e passam a reclamar, com toda a razão, direitos e salários idênticos aos dos seus camaradas franceses.

Isto é que não quer aceitar, evidentemente, o empreiteiro, pois que não é com esta pretensão que ele os emprega nas suas obras. Ele admite de preferência os emigrados portugueses porque, além de darem bom rendimento, pode pagar-lhes menos, explorando-os duplamente. Logo que o parão é posto ante esta situação, isto é, de ver os trabalhadores portugueses dispostos a reivindicar o que lhes é devido, o patrão decide despedi-los. E fá-lo sem pré-aviso (não respeitando a lei que existe regulando este problema) nem indemnização.

Mas que esse o senhor se dê boa conta disto : — os operários portugueses não estão de acordo com tais abusivos métodos de explorador. Além do mais, esses trabalhadores têm o apoio completo dos seus camaradas franceses, porque, face à aliança de Gaulle - Salazar, os operários portugueses e franceses têm todo o interesse em reforçar os laços de unidade, fraternidade e solidariedade, na luta pela defesa dos seus justos direitos comuns a todos que trabalham e produzem a riqueza da nação.

SINDICATO RENAULT C.G.T.

Este sindicato publicou, no princípio de Outubro, um « tract » em português, destinados aos operários da região de Billancourt, o qual teve uma larga audiência entre a massa operária portuguesa daquela região.

Entre as reivindicações propostas como ponto de partida para o desenvolvimento da luta comum da classe operária deste país, destacamos as seguintes :

- Aumento de salários;
- Retorno progressivo às 40 horas semanais, sem perda de salário;
- Reforma aos 60 anos (homens) e 55 anos (mulheres);
- Extensão das liberdades sindicais.

O « tract » termina lançando um apelo a todos os trabalhadores para reforçarem as fileiras da C.G.T., com a sua adesão à maior central sindical da França.

ADERE à C.G.T.

Apelido Nome

Profissão Idade

Endereço

Empresa e local de trabalho

Data Assinatura :

Preenche esta proposta e entrega-a ao delegado C.G.T. onde trabalhas, ou envia-a à C.G.T. : 213, rue Lafayette, Paris-10°.

Férias pagas na construção alerta aos trabalhadores portugueses

Na Construção e Obras Públicas (Bâtiment) é necessário justificar 1.800 horas de trabalhos durante o ano (que para o caso das férias pagas é contado do 1º de Abril ao 31 de Março do ano seguinte) para ter o direito a beneficiar das vantagens da 4ª. semana de férias pagas e o prémio de férias de 20 %.

Ora, numerosos são os camaradas portugueses que partem para férias em meados de Dezembro, voltando sómente em meados de Março, e perdendo, por esse facto, uma soma importante apenas por umas quantas horas de trabalho que faltam, durante o ano, para atingir o estipulado.

Expliquemos melhor, exemplificando :

1.790 horas de trabalho : taxa horária : 5 F.	
$1.790 \times 5 F \times 3$	
<hr style="width: 100px; margin-left: 0;"/>	
50	= Total bruto de férias : 537 F.
1.810 horas de trabalho - taxa horária : 5 F.	
$1.810 \times 5 F \times 4$	
<hr style="width: 100px; margin-left: 0;"/>	
50	= Total bruto de férias 724,00 F
Prémio de 20 %	144,80 F
	<hr style="width: 100px; margin-left: 0;"/>
	868,80 F

Apenas por uma diferença de 20 horas de trabalho, um trabalhador receberá uma diferença nas férias pagas de 331,80 francos !

Por outro lado, é preciso não esquecer, quando do envio das folhas azuis a Caixa, de juntar os talões do vale de correio das Férias do ano anterior, o que permite, também, beneficiar dum certo número de horas complementares (160 horas por umas férias de 24 dias).

Além disso, as férias dos trabalhadores da Construção e Obras Públicas são limitadas a um período de 4 semanas de 7 dias úteis ou não, ou seja um total de 28 dias.

Havia tempo em que os trabalhadores emigrados podiam ausentar-se vários meses sem se arriscarem a perder o seu emprego, quando regressassem; mas, hoje, isso já não sucede assim.

No princípio de 1965, numerosos exemplos provaram que os patrões consideraram como « rutura de contracto de trabalho » o facto de trabalhadores terem ultrapassado os 28 dias de férias pagas, e foram muitos os camaradas portugueses que foram, por isso, despedidos sem pré-aviso.

Portanto, para preservar o vosso direito ao trabalho, ao regressar das férias pagas, exige, antes da partida, que o patrão se comprometa, por escrito, a continuar a dar-lhes trabalho, quando regressarem, qualquer que seja o tempo que dure a vossa ausência. De contrário, ATENÇÃO ! As férias terão de ser mesmo de 28 dias.

Em caso de dificuldades em conhecer os vossos direitos, neste como noutros casos, dirijam-se ao Sindicato C.G.T. da Construção (Bâtiment) mais próximo do vosso

lugar de trabalho ou do vosso domicílio, onde lhes darão todos os esclarecimentos.

L. DENIS,

Membro da Comissão Executiva da Federação Nacional dos Trabalhadores da Construção e das Obras Públicas.

Desastres no trabalho

Entre as muitas centenas de desastres no trabalho que se verificam anualmente em França, muitos se dão com trabalhadores emigrados e, entre eles, com operários portugueses.

Damos aqui conta de dois deles, verificados há pouco tempo, e nos quais perderam a vida emigrantes portugueses.

— Em Saint-Brissac-sous-Forêt (S. e O.) operários trabalhavam em Rougemonts, cavando uma profunda trincheira de dois metros, na Rua da Igualdade, quando, de súbito, um desmoronamento de terras se verificou, ficando soterrados dois desses trabalhadores, ambos portugueses : — João Falcão Lopes, de 26 anos, e António Martins, de 29 anos, ambos habitando em Champigny-sur-Marne. Tirados de sob a terra pelos seus camaradas, essas duas vítimas das péssimas condições de segurança no trabalho foram transportadas ao Hospital de Montmorency, onde João Falcão Lopes, faleceu, pouco depois.

— Numa das minas de Lens, o mineiro português António Pereira, de 33 anos, quando trabalhava no poço X d'Omérine, foi apanhado por um desmoronamento de terreno, de tal maneira que teve morte imediata.

António Pereira, nasceu em Barroca, em 5 de Junho de 1932, e trabalhava nesta mina, no poço 4, depois de Outubro de 1964.

O funeral deste desditoso operário-mineiro português foi bastante concorrido, tendo-se incorporado nele numerosas delegações de mineiros daquela região.

“La Vie Ouvrière”
l'hebdomadaire de la C.G.T.

est en vente auprès des diffuseurs,
des syndicats de la C.G.T.,
à LA VIE OUVRIERE
18, rue des Fêtes, PARIS-19^e

Abonnements : CCP 4119-17 Paris
6 mois : 19 F.
1 an : 36 F.
Etranger : 50 F.

Questões feminina

Está-se verificando, nestes últimos tempos, um acréscimo de emigração de mulheres portuguesas para França. Houve tempo que somente as trabalhadoras espanholas se dispunham a servir de criadas das famílias francesas. Os trabalhos de domésticas, depois de durante largos anos ter sido desempenhado neste país por filhas de Espanha, passou, em face das múltiplas e crescentes dificuldades económicas no país de Salazar, a estar repartido com mulheres lusitanas. A tal ponto, que, presentemente, chegam todos os dias a França dezenas e dezenas de mulheres, a maior parte jovens, desse país da Ibéria, vindas com o firme propósito de trabalhar para, dessa forma, acudir à situação económica aflitiva, própria e dos seus, que lá ficam aguardando, com a compreensível ansiedade, a chegada mensal dos vales de correio, que os ajudará a viver.

E' verdade que a grande percentagem das mulheres ibéricas procuram, num trabalho doméstico, a melhor maneira de se defenderem economicamente, visto que, nestas condições, são alimentadas e alojadas, sendo o salário quase poupado na sua totalidade. Mas verifica-se que uma certa percentagem ocupa a sua actividade em oficinas e fábricas, para o que não são menos dotadas, sendo até, por inúmeras vezes, citadas como das mais aptas entre as aptas, em numerosas fábricas.

Ora, em tais condições, « O Trabalhador » procura fazer-se escutar e entender no meio dessas muitas trabalhadoras portuguesas que, na sua maior parte, não conhecem que existe em França leis sociais que regem as normas de trabalho e que estão mais expostas que as suas camaradas francesas à ganância patronal, mais desamparadas ainda que as que sabem quais os direitos que as leis lhe dão, no trabalho.

Assim, a partir de agora, é criada esta secção, na qual será publicado quanto se verifique necessário sobre a legislação social francesa sobre o trabalho feminino, doméstico, fabril ou outros.

Chamamos, por isso, a atenção das nossas amigas e leitoras, para que estejam atentas a quanto iremos publicando no nosso jornal sobre os assuntos que cremos de todo o interesse para as mulheres portuguesas que trabalham em França.

Ao mesmo tempo, pedimos a todas que tenham problemas relacionados com patrões ou entidades sociais francesas, de nos escreverem expondo os mesmos a fim de podermos, através deles, explicar-lhes e explicar a outras mulheres que acaso sofram as mesmas questões, qual a melhor maneira de agir, em defesa dos seus interesses de proletárias.